

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Violência no Futebol e Torcidas Organizadas:
Um estudo em representações sociais

Autor: Edi Alves de Oliveira Neto

Brasília/DF, julho de 2013

Edi Alves de Oliveira Neto

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E TORCIDAS ORGANIZADAS:
Um estudo em representações sociais**

Monografia apresentada ao Departamento
de Sociologia da Universidade de Brasília
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Sociologia.

Orientadora: Maria Stela Grossi Porto

Brasília/DF, julho de 2013

Edi Alves de Oliveira Neto

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E TORCIDAS ORGANIZADAS:
Um estudo em representações sociais**

Monografia apresentada ao Departamento
de Sociologia da Universidade de Brasília
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Sociologia.

Orientadora: Maria Stella Grossi Porto

Brasília/DF, julho de 2013

Edi Alves de Oliveira Neto

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E TORCIDAS ORGANIZADAS:
Um estudo em representações sociais**

Monografia apresentada ao Departamento
de Sociologia da Universidade de Brasília
como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Sociologia.

Orientadora: Maria Stela Grossi Porto

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Stela Grossi Porto (orientadora)

Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai à Professora Maria Stela Grossi Porto, pela paciência e cuidado com minhas dificuldades durante o último ano. Sua orientação foi essencial para a conclusão deste trabalho. Além disso, suas aulas e conselhos foram de imensa importância para minha formação como sociólogo, e não encontro palavras suficientes para descrever o tamanho do meu agradecimento por toda sua ajuda.

Agradeço à toda minha família, que me formou como pessoa, nas pessoas de Milza Gomes de Oliveira, minha amada avó-mãe, e de Shigueo Kumagai, meu grande exemplo de vida, e meu avô-pai que tanto amo. São as maiores e melhores referências que poderia encontrar. Amo vocês!

Outro agradecimento vai à minha amada namorada, amiga e companheira, Camila Menezes Borges, que me deu o apoio emocional além do necessário para superar uma fase tão difícil da minha vida. Este trabalho é também fruto de seu amor e carinho, que tanto me ampararam nos momentos em que precisei. Meu agradecimento será como meu amor, eterno.

Aos meus amigos de Goiânia, companheiros para a vida, dos quais tive de abdicar da convivência para morar em Brasília e concluir este curso. Yuri, Renato, Pedro Lucas, José Guilherme, Gabriel, Rodolfo, João Marcelo, vocês me ensinaram o valor da verdadeira amizade, e me proporcionaram momentos de alegria e companheirismo. Fala que é nós!

Aos meus amigos de Brasília, que conviveram comigo durante o curso, e compartilharam momentos de felicidade e cumplicidade, agradeço nas pessoas de Marcus Alvim Silva, Matheus Larrossa, Leandro Bastos, Cecília Leite, Carla Valero e Letícia Almeida. Obrigado por tudo, a amizade de vocês foi essencial.

Dedicatória

*Ao meu bisavô Nicolau Acácio Gomes, meu
Dadau, grande homem, que deixou tantas
saudades.*

*À Camila Menezes Borges, companheira de
todas as horas, que tanto me apoiou durante este
trabalho. Seu amor está presente em tudo que
faço. Amo-te muito.*

RESUMO

A questão da violência no Futebol é amplamente discutida no Brasil “país do futebol”, Confrontos entre torcedores e policiais ou entre torcedores rivais são eventos amplamente cobertos pela mídia, que “vendem” matérias, pois é notável que o fenômeno da violência é uma das demandas sociais da nossa sociedade. Neste contexto, as Torcidas Organizadas surgem como elemento importante para a compreensão da violência no futebol. Este estudo, então, se propõe à explorar, a partir da Teoria das Representações Sociais, da Sociologia da Violência e da Sociologia do Esporte, quais representações sociais são reproduzidas pela mídia esportiva, a partir dos textos encontrados nos jornais A Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, nos meses de setembro, outubro e novembro, do ano de 2012, tendo em vista que estas representações sociais possuem impacto nos discursos sobre futebol, torcedor e Torcida Organizada.

Palavras-Chave: Futebol, Torcedor, Torcidas Organizadas, Violência, Esporte, Representações Sociais.

“O futebol é o ópio do povo e o narcotráfico da mídia.”

Millor Fernandes

“Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida de futebol. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos...”

Nelson Rodrigues

“Explicar a emoção de ser palmeirense, a um palmeirense, é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense... É simplesmente impossível”

Joelmir Betting

Glossário

F. C. – Futebol Clube

FPF – Federação Paulista de Futebol

S. P. – São Paulo

S. E. – Sociedade Esportiva

TRS – Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Representações Sociais: Entre a Sociologia e a Psicologia Social.....	16
1.1. Sobre a ideia de Representação.....	16
1.2. A Teoria das Representações Sociais nos dias de hoje.....	20
2. Sobre o conceito de Violência.....	23
2.1. Um primeiro olhar sobre a Violência.....	23
2.2. Discutindo Teorias sobre Violência.....	24
3. O Futebol.....	28
3.1. Sobre a história do Futebol.....	28
3.2. A “Pátria de Chuteiras”.....	29
3.3. Sobre as Torcidas Organizadas.....	31
4. Procedimentos Metodológicos.....	36
5. Representações Sociais e Torcidas Organizadas.....	40
5.1. Torcedor Organizado e Torcedor Comum.....	41
5.2. Torcida Organizada e Polícia.....	47
6. Conclusão.....	52
7. Bibliografia.....	5

INTRODUÇÃO

A partir da Teoria das Representações Sociais e de teorias da sociologia da violência, foram analisados os conteúdos de matérias esportivas que tratam sobre a violência no futebol, buscando-se compreender as representações sociais acerca das Torcidas Organizadas e sua relação com o fenômeno da violência. Os dados foram extraídos de reportagens e colunas esportivas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, do período entre setembro e dezembro de 2012, cobrindo a segunda metade do Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A.

Trabalhar com a Teoria das Representações Sociais é uma tarefa difícil, mas que traz bons frutos ao estudo social. É uma teoria que dá a devida credibilidade ao discurso do senso comum na condição de objeto de análise, ao que é dito pelos agentes sociais em suas relações sociais, e também em relação a sua presença na informação midiática, em uma sociedade onde a informação se torna cada vez mais acessível e onde as categorias de tempo e espaço se tornam cada vez mais curtas. A construção social dos discursos mais recorrentemente utilizados pelos agentes, e a implicação dos discursos adotados nas ações do cotidiano humano são elementos que esta teoria vinda da psicologia social ajuda a elucidar e, em uma pesquisa em sociologia da violência, torna-se muito relevante.

O estudo da sociologia no campo da violência também é tarefa que não se mostra fácil. Antes de ser um conceito teórico, a violência é um fenômeno empírico (Porto, 2002), e suas formas de manifestação tão múltiplas quanto a sua incidência dentro da sociedade. Os obstáculos em realizar um estudo neste campo já aparecem nesta dificuldade em relacionar empiria e teoria. Há de se levar em conta ainda que cada sociedade, cada cultura, em cada tempo determinado, possui sua própria definição do que seria violência (MICHAUD, 1989). Mas o fato é que as sociedades humanas sempre conviveram com fenômenos de violência, sendo hoje em dia considerados grandes problemas sociais a serem “combatidos”.

No Brasil, país que já se intitulou a “pátria de chuteiras”, usando das palavras do cronista Nelson Rodrigues, o futebol é um fenômeno que parece ter grande importância na constituição social brasileira. É o esporte mais praticado no Brasil, o esporte com maior número de torcedores e com maior institucionalização, seja na liga esportiva, que é a mais

avançada e lucrativa no país, seja de forma informal no conjunto da população, independente de raça ou idade. E no futebol, como no restante da sociedade, a violência é um fenômeno recorrente e que assume várias formas. Uma das formas é a que aparece dentro das quatro linhas, entre os jogadores, com o nome de “falta”. Outra forma é o confronto entre torcidas organizadas e a polícia, ou entre torcidas organizadas rivais, que ocorre nos estádios e seus arredores.

A violência esta presente na história das Torcidas Organizadas no Brasil desde seu princípio. Criadas como instrumento de fiscalização dos torcedores sobre a forma como as diretorias gerenciavam seus respectivos clubes de futebol, tais torcidas utilizaram-se da violência como instrumento de cobrança das diretorias em caso de mau rendimento dos times, e também como forma de imposição de poder sobre as outras torcidas organizadas.

De acordo com reportagem do jornal LANCE de 3 de abril de 2012, de 1988 até 2012 o Brasil já acumulava 155 mortes relacionadas ao futebol. Em seu livro “A violência no Futebol”, Maurício Murad fez um estudo sobre o tema contabilizando dados do período entre 1999 e 2008. Seus resultados são assustadores. Neste período, ocorreu um total de 42 mortes relacionadas a “brigas de torcida”, ou seja, uma média de 4,2 mortes por ano, o que colocou o Brasil como o país onde mais se mata no futebol, estando à frente da Itália, Inglaterra e Argentina, países conhecidos por suas torcidas violentas. Pior, nos últimos 5 anos da pesquisa, a média sobe para 5,6 mortes por ano, e tomados separadamente os dois últimos anos da pesquisa, esta média passa a 7. Dessa forma, a única conclusão a se chegar é que a violência no futebol não tem diminuído, pelo contrario, tem apenas aumentado. Nos anos que se seguiram ao estudo, este crescente numero aumentou ainda mais. Em 2009, foram registradas 9 mortes. Em 2010, 12 mortes. Em 2012, um número recorde, 22 mortes, e alem disto, uma maior variação dos locais onde estas aconteceram, aparecendo em estados da Região Centro-Oeste e Norte, onde não se encontram times da chamada “elite do futebol brasileiro”.

Outra conclusão sombria no livro de Murad é que apenas 20% das vítimas contabilizadas no estudo possuíam relações com os grupos criminosos dentro das Torcidas Organizadas, ou seja, 80% dos mortos em confrontos entre torcidas entre 1999 e 2008 não eram torcedores participantes do confronto. Este dado mostra como a violência atinge parcelas da torcida consideradas “não violentas”, e que estariam nos estádios e arredores com a única intenção de entretenimento.

Com o desenvolvimento tecnológico da última década, as ferramentas de informação se disseminaram pela sociedade e, com o advento da internet, o fluxo de informações cresceu de forma impressionante. Hoje vivemos uma “sociedade da informação” e os meios de comunicação possuem participação cada vez mais próxima e rotineira na vida social. E o desenvolvimento da mídia aumenta ainda mais sua importância na formação de discursos do senso comum.

No país que se considera a “pátria de chuteiras”, o que não faltam são veículos de mídia sobre o futebol. Na internet, milhares de sites de notícias sobre os times, sobre os campeonatos. Comentaristas de futebol e de arbitragem escrevem textos em seus sites já ao término dos jogos. Nenhum detalhe foge a um espectador que busque na mídia notícias sobre um evento de futebol. Na mídia impressa, todo grande jornal possui seu caderno de esporte, sempre monopolizado pelo futebol. E os eventos de violência são sempre noticiados, vendem matéria, e por isso a importância da mídia em relação ao senso comum sobre violência no futebol tem crescido constantemente.

Foi a partir da leitura de textos jornalísticos sobre futebol que surgiu a ideia de estudar as representações sociais da violência neste esporte a partir da mídia. Se comparada à população total do Brasil, uma parcela muito pequena da população vai aos estádios e aos seus arredores em dias de jogo e, conseqüentemente, é esta parcela que sofre com os atos de violência no futebol. Porém, o senso comum está repleto de representações sociais associadas à violência nos estádios e à violência das torcidas organizadas, já que a disseminação da informação via mídia possui grande interferência neste sentido.

A opção aqui escolhida foi por estudar a mídia esportiva impressa de São Paulo pelos cadernos esportivos dos jornais O Estado de S.P. e Folha de S.P., dois dos jornais de maior tiragem em todo o país, principalmente fora do estado de São Paulo, o que lhes confere maior possibilidade de impacto na formação da opinião pública. Foram analisados todos os cadernos esportivos do período da segunda fase do campeonato brasileiro de 2012, ou seja, de setembro à dezembro. O recorte temporal foi uma escolha particular, incitada pela ideia de que na segunda metade do campeonato, os times estariam com suas possibilidades de resultado final se apresentando e, assim, aqueles times com rendimento ruim estariam com suas torcidas mais tensas e mais propícias à envolver-se em episódios de revolta e violência.

Supus que nos momentos finais do campeonato seria mais plausível a ocorrência de eventos violentos entre torcedores de times rivais e entre organizados insatisfeitos com o rendimento do clube e seus respectivos diretores.

Minha intenção foi elucidar que representações sociais a mídia esportiva impressa paulista produz e reproduz sobre as questões ligadas à violência no futebol, a partir da análise do conteúdo presente nas matérias e colunas dos jornais escolhidos que tratem do tema violência de Torcidas Organizadas. Assim, espero também trazer contribuições para os campos da sociologia da violência e da sociologia do esporte, na medida em que a produção acadêmica sobre este assunto carece de um estudo sobre as representações sociais.

No capítulo 1 do trabalho apresento a teoria das representações sociais, um breve histórico contextualizando seu surgimento e desenvolvimento, sua relação com a sociologia e como ela é usada na pesquisa social. Trabalho a atualidade desta teoria e a forma como a utilizarei no decorrer da pesquisa.

O capítulo 2 é dedicado às teorias da sociologia da violência, com a apresentação de seus clássicos e de suas principais discussões nos dias de hoje. A sociologia é uma ciência plural, são vários os autores que tratam da temática da violência, mas vou me deter apenas naquelas com as quais trabalharei nesta pesquisa.

Dediquei o capítulo 3 à apresentação do fenômeno social do futebol, sua história e seu percurso no Brasil. Trato sobre o advento das atuais Torcidas Organizadas brasileiras, comparando-as com o hooliganismo inglês e apontando características que se mostrarão úteis para o desenvolvimento do trabalho.

O capítulo 4 traz a metodologia de pesquisa social utilizada neste trabalho, apresento o tratamento dos dados e a forma como seu conteúdo foi analisado no intuito de analisar as representações sociais presentes nos textos.

No capítulo 5 trago um primeiro debate acerca dos resultados da pesquisa, tratando das representações sociais que a mídia estudada formula sobre a violência no futebol, sobre como ela ocorre, seus fatores característicos, sobre os atores envolvidos e sobre como esta se relaciona com a atualidade do futebol brasileiro.

O capítulo 6 apresenta os resultados da pesquisa acerca das representações sociais sobre as Torcidas Organizadas e seus integrantes no que diz respeito aos atos de violência praticados. Segundo Murad (2012), apenas 5% a 7% dos torcedores organizados são os chamados “marginais”, “bandidos”, ou seja, aqueles que praticam crimes e atos violentos em “nome” do futebol. Porém, neste capítulo mostro como a mídia torna “torcedor organizado” uma categoria que implica em atos de violência e vandalismo, estigmatizando-os como culpados pela violência e opondo-os ao torcedor comum, considerado “torcedor de verdade”

1 – Representações Sociais: Entre a psicologia social e a sociologia

1.1 – Sobre a ideia de representação nas ciências sociais

Com a publicação de “*La Psychanalyse: Son image et son Public*”, em 1961, por Serge Moscovici, que a Teoria das Representações Sociais – TRS – foi sistematizada, dando força à psicologia social, estudando os indivíduos em suas relações entre si e com a sociedade em geral. Esta teoria traz a análise da sociedade em duas categorias: a primeira sendo a dos indivíduos, em suas relações sociais, dinâmicas e de variação temporal e biográfica, e, a segunda, que engloba as representações compartilhadas para dar sentido à realidade vivida por estes indivíduos, ao ponto de serem coletivas, sociais. Mas a noção de representações dentro das ciências sociais, como afirma Moscovici (2003), tem em Durkheim seu precursor.

Já em *Sobre a Divisão Social do Trabalho*, Émile Durkheim discorre sobre as representações, em seu esforço de demonstrar tanto empiricamente quanto conceitualmente a ideia de “consciência coletiva”, de uma realidade que seja externa aos indivíduos:

“O conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado, que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de *consciência coletiva ou comum*. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela está, por definição, difusa em toda extensão da sociedade. [...]

Com efeito, ela é independente das condições particulares onde indivíduos se encontram; eles passam e ela continua. [...] As funções jurídicas, governamentais, científicas, industriais, em uma palavra, todas as funções especiais são de ordem psíquica, uma vez que elas consistem em sistemas de representações e de ações: contudo elas estão evidentemente fora da consciência comum.” (DURKHEIM, 1983 :

81)

Nesta passagem, Durkheim mostra a ideia de “consciência coletiva” como um conjunto de ideias e crenças, que possui “vida própria” em relação aos indivíduos, e que

perdura mais que estes no meio social. Nesta obra, Durkheim apresenta a principal função da “consciência coletiva”, que é a de criar a “solidariedade” entre os indivíduos. Mas o maior legado teórico da obra, aquele que ele vem a retomar em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, é a relação entre a “consciência coletiva” e as práticas sociais, característica que viria a ser destacada por Moscovici (2003) nas representações sociais. Mas no decorrer de suas publicações, Durkheim vai “amadurecendo” ainda mais sua noção de representações coletivas.

Em *As Regras do Método Sociológico*, obra na qual Durkheim tenta estabelecer uma metodologia científica para a jovem sociologia, mais uma vez o conceito de representações aparece. A inovação que esta obra apresenta a este conceito diz respeito à sua capacidade de coerção, podendo atuar como “normas de conduta”:

“[...] elas [representações] são dotadas de uma potência imperativa e coercitiva em virtude da qual elas se impõem a ele [indivíduo], quer ele queira ou não”

(DURKHEIM, 1978 : 2)

Assim, podemos dizer que Durkheim apresenta como características principais das representações a sua objetividade, exterioridade, generalidade e coercitividade, ou seja, possuem condição independente dos indivíduos, difusa na sociedade em geral e possui capacidade de impor-se sobre as ações individuais.

Durkheim, além da noção de “representações coletivas”, trabalha com a ideia de “representações individuais”, em contraposição às primeiras, até como um forma de melhor definir este conceito. Em *O Suicídio*, encontramos a seguinte passagem: “As representações coletivas são de uma natureza diferente daquela do indivíduo” (DURKHEIM, 1897, livro 3, p.22) Mas é no texto “Representações Individuais e Representações Coletivas” que o autor discute esta diferença com maior densidade. Este texto foi publicado, já após as três obras já citadas, no tomo VI da *Revue de Métaphysique et de Morale*, em maio de 1898.

As representações individuais são apresentadas como fenômenos de caráter psíquico (Durkheim, 1970), mas, segundo Bouglé, no prefácio de *Sociologia e Filosofia* de 1924, um dos objetivos principais de Durkheim é afastar-se do reducionismo que remete as “representações individuais” às reações e interações que ocorrem nas células nervosas. Elas

não possuíam a capacidade de integrar de forma abrangente e compartilhada o “tecido social” do senso comum, como as representações coletivas. Porém, da relação entre estas representações individuais são formadas as coletivas, a partir do momento em que se tornam independentes de seu substrato individual.

Mais do que um somatório de representações individuais, Durkheim apresenta as representações coletivas como ideias compartilhadas por um grupo, independentes das representações individuais e originárias da própria vida em sociedade. A definição do autor segue assim:

“As Representações Coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com sua natureza.” (DURKHEIM, 1978 : 79)

Dessa forma, a síntese das representações coletivas estaria naquilo que Moscovici chamou de “sociedade pensante” (MOSCOVICI, 2003). Dentro do conceito de representações coletivas, Durkheim engloba as mais diversas e heterogêneas “formas intelectuais que incluíam ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, etc.” (MOSCOVICI, 2003)

Por fim, foi o estudo das “religiões primitivas”, em *“As Formas Elementares da Vida Religiosa”*, buscando as categorias básicas do pensamento religioso, que possibilitou a Durkheim um debate mais claro sobre as representações coletivas, na medida em que estas categorias se “repetiriam” nas modernas sociedades, mostrando sua exterioridade e capacidade “reprodutora” e, em certa medida, coercitiva, e ressaltando a diferença entre o “individual” e o “coletivo”, dicotomia tão cara ao autor.

Émile Durkheim foi, com certeza, o autor clássico da sociologia que trabalhou diretamente com a ideia de representação, mas em outros autores esta ideia é encontrada. Em nenhum se encontra uma intenção em trabalhar diretamente este conceito, mas o encontramos nas discussões teóricas destes autores.

Karl Marx é um destes autores, clássico da sociologia, que produziu uma teoria onde encontramos a noção de representação. Nas obras deste autor, principalmente em *A Ideologia Alemã*, a noção de representação aparece no conceito, bastante discutido na obra do autor, de ideologia, e, assim sendo, possui sua síntese nas relações sociais de produção, são advindas da realidade material das sociedades e possuem aspecto importante dentro do sistema de dominação de classes.

Segundo Minayo (1994), a categoria-chave para a compreensão da noção de representação em Marx é a noção de consciência, pois para o autor é nela que “residem” as ideias e os pensamentos. Minayo traz a seguinte citação de Marx para exemplificar:

“Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência [...] A consciência é desde o início um produto social: ela é mera consciência do meio sensível mais próximo, é a conexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo [...] A consciência jamais pode ser outra coisa que o homem consciente e o ser dos homens é o seu processo de vida real ” (MARX, 1984 : 43-45)

Neste trecho podemos perceber que uma característica das representações em Marx é que elas, como toda forma de ideologia, não possuem autonomia, pois são limitadas pela dinâmica da infraestrutura social. Aqui a representação para Marx se difere da representação para Durkheim, onde a autonomia das representações, individuais e coletivas, são características intrínsecas à esta ideia.

Porém, as noções de Durkheim e Marx de representações a reduzem à uma unidade explicativa do social, ou, como diz Moscovici:

“A sociologia vê, ou melhor, viu as representações sociais como artifícios explanatórios, irreduzíveis à qualquer análise posterior. Sua função teórica era semelhante à do átomo na mecânica tradicional, ou dos genes na genética tradicional...” (MOSCOVICI, 2003 : 45)

1.2 – A teoria das representações sociais nos dias de hoje

A proposta de Moscovici é diferente da proposta de Durkheim, pois propõe as representações sociais como “fenômenos”, e não “conceitos”, e, assim, passíveis de serem “divididos como foram os átomos e os genes” e utilizados como objetos sociais, localizadas nas zonas de convergências entre os campos da ação e do pensamento, entre indivíduo e sociedade.

Neste ponto, podemos dizer que para a Teoria das Representações Sociais, as categorias básicas estudadas por Durkheim devem ser estudadas a partir dos indivíduos em relação um com o outro, dentro do seu meio social. Assim, o estudo das representações sociais se torna importante aliado na compreensão de objetos sociais como a violência, dada sua dicotomia objetiva-subjetiva (objetiva na medida em que se manifesta empiricamente em eventos como brigas de torcida, e subjetiva na medida em que compõe várias faces dentro do senso comum que comungam sentidos para estas manifestações)

Na teoria apresentada por Serge Moscovici, às representações sociais são atribuídas importantes qualidades dentro do meio social. A principal delas seria a de estabilizar a realidade em relação à sua capacidade dinâmica de mudança e criação, apresentando fatos “não-familiares” a todo momento. Atuando dentro do que Moscovici chama de “universo consensual”, cabe às representações sociais tornarem este “*não-familiar*” em algo “*familiar*”.

Existe ainda outra preocupação de Moscovici, que é a de demonstrar as funções que as representações sociais possuem na vida social. A primeira função seria a de “convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos”, localizando-os em seu determinado tipo ou categoria. Seria essa *convencionalização* que nos permitiria reconhecer o que representa o que, e demonstraria a influência do passado nas representações do presente, o que nos remete à segunda função. Esta seria a função “prescritiva” das representações sociais, ou seja, a força irresistível que estas impõem sobre os indivíduos, penetram suas mentes e os influenciam de maneira não intencional. Nas palavras de Moscovici, as representações não são “pensadas por eles (indivíduos); melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas”. (MOSCOVICI, 2003)

Fica então a diferença entre a forma como foi inicialmente pensada a ideia de representação, e a forma adquirida na teoria das representações sociais de Moscovici, o qual explica esta de maneira mais clara que eu poderia:

“(...) se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo.”” (MOSCOVICI, 2003 : 49)

Apresentado o conceito de representações sociais, é importante destacar a relação destas com os agentes sociais, com os sujeitos. Para aqueles que não possuem familiaridade com a TRS, pode parecer que o sujeito fica relegado a um determinismo de representações abstratas sobre suas ações. Mas isto não ocorre. Na verdade, a TRS utiliza o lócus do pensamento para o estudo dos agentes sociais, pois este sim é de fundamental importância para as ações que os agentes venham a cometer. Sobre esta relação sujeito-pensamento, Jodelet escreve:

“Falar de sujeito, no campo de estudo das representações sociais, é falar de pensamento, ou seja, referir-se a processos que implicam dimensões físicas e cognitivas, a reflexividade por questionamento e posicionamento diante da experiência, dos conhecimentos e do saber, a abertura para o mundo e os outros. Processos que tomam uma forma concreta em conteúdos representacionais expressos nos atos e nas palavras, nas formas de viver, nos discursos, nas trocas dialógicas, nas afiliações e nos conflitos. Esta especificidade da representação do sujeito como pensamento abre um espaço de pesquisa que ainda precisa ser balizado” (JODELET, 2009 : 705)

Para este trabalho em questão, esta teoria se torna ainda mais importante, na medida em que os objetos tratados aqui advêm da mídia, consagrada por muitos autores como fonte de produção e disseminação das representações sociais:

“Ainda no âmbito das representações sociais do fenômeno, torna-se incontornável considerar aquelas produzidas pelos meios de comunicação em massa.

Esses, pelo poder que exercem nas sociedades midiaticizadas, detêm um quase monopólio da informação, levando a situações nas quais, para numerosos segmentos sociais, o conhecimento da realidade é identificado às informações produzidas pelos media. O fenômeno da violência pode certamente se enquadrar nesta situação.”

(PORTO, 2010 : 15-16)

Neste sentido, as representações sociais possuem grande importância na pesquisa social, na medida em que integram a realidade social vivida pelos indivíduos como espécie de “ferramenta” para “conhecer” e “atuar” no mundo, como diz Jodelet:

“Que o vejamos [o status das representações] nos fenômenos representacionais das instâncias de constituição ou transformação da sociedade, de estruturação da relação com o mundo social e natural, de reservas de competências que permitem a ação de agentes situados em contextos definidos; que se faça das representações a matriz das práticas pelas quais se constrói o mundo social ou mediações simbólicas entre práticas e afirmação ou atribuição identitária, pelas quais os grupos se diferenciam; que se traga a produção das representações aos jogos das interações em sistemas restritos de relações, ou que a situemos no nível da constituição de discursos globais, uma mesma constatação se impõe: as representações sociais e/ou coletivas aparecem como uma alavanca essencial na vida social.” (JODELET, 2009 : 119)

2 - Sobre o conceito de Violência

2.1 – Um primeiro olhar sobre a “violência”

A prática da sociologia no Brasil, desde a década de 90 até à atualidade, tem se esforçado cada vez mais em estudar os fenômenos da violência. Muitos são os fatores que têm influenciado cientistas sociais de todas as regiões do país neste sentido, e podemos citar como exemplo a crescente importância dada pela mídia em geral na cobertura de casos relacionados à violência, como também o acontecimento de eventos que, também pela cobertura midiática, entraram na área de conhecimento comum da sociedade, como os massacres do Carandiru e da Candelária.

No entanto, a elevação do número de estudiosos e estudos relacionados à esta área não representam uma “facilidade” neste intento, nem mesmo representam uma estabilização teórico-metodológica no campo da pesquisa social sobre violência. Pelo contrário. Percebe-se que muitos destes estudos se empenham no sentido de superar as múltiplas dificuldades encontradas na compreensão e explicação deste fenômeno que “acomete” as sociedades humanas desde seu princípio.

Neste capítulo farei uma breve apresentação das discussões teóricas que cercam esta difundida palavra “violência” e os fenômenos sociais que a cercam. Para isso utilizarei de autores que se empenharam no estudo deste fenômeno, como Yves Michaud. Também farei uso das teorias sociológicas de autores brasileiros como Maurício Murad, Carlos Alberto Máximo Pimenta, Mauro Betti e Maria Stela Grossi Porto.

Voltando ao tema da violência, poucas afirmações podem ser feitas com tanta veemência quanto a de que ela é um fenômeno que se mostra presente em toda e qualquer sociedade humana, desde seus tempos iniciais. Logicamente, a forma como se apresenta é bastante variada, e remete ao sistema cultural de cada sociedade, mas o fato é que sempre existiu alguma forma de violência em todo agrupamento humano. Sobre isto, Freud (1974), em seu estudo “O mal estar da civilização”, discorre:

“O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade” (FREUD, 1974 : 133)

Da mesma maneira como o termo “violência” está presente na história da humanidade, está presente grande abrangência em relação ao significado conferido à ele nos variados grupos sociais. Segundo Michaud(1989), cada sociedade, em cada tempo, tem sua própria “definição” sobre o que é violência. Esta variação de significados advindos da violência apresenta uma primeira dificuldade em seu estudo. Mas também mostra que a apreensão valorativa da violência depende das “normas” vigentes em cada grupo, as quais definem o significado desta.

Assim como a violência como termo geral, a violência praticada por torcedores de futebol se apresenta como um fenômeno de ocorrência relativamente ampla nas sociedades onde este esporte consegue “arrebatar” um grande contingente de torcedores apaixonados, e sua representação social mostra-se adequada às condições normativas destas sociedades.

2.2 – Discutindo as teorias sobre Violência

Dentro do cânone da sociologia atual, Max Weber talvez tenha sido o autor que deixou uma maior bagagem teórica para o auxílio nos estudos sociais sobre o tema. Em sua sociologia da dominação e das relações de poder, Weber apresenta a “luta” como uma constante na vida social, e dentro desta “luta” a violência como uma possibilidade de “resolução”, porém, legitimada apenas quando utilizada pelo Estado em prol da manutenção da sociedade. Não houve, no decorrer da história, Estado algum que conseguisse o monopólio total do uso da violência, e, nem mesmo, que tivesse seu uso totalmente legitimado, como comumente ocorre em desastrosas atuações policiais.

Discutir acerca de fenômenos de violência exige ainda uma definição de violência. E esta definição se mostra ainda mais difícil na medida em que a violência se evidencia nas

sociedades a partir de inúmeras manifestações e acaba fertilizando de inúmeras explicações o dito “senso comum”, ou, como diz Porto:

“Sob esse aspecto, a primeira dificuldade de natureza conceitual, com que se defronta a sociologia, vincula-se ao fato da violência ser um fenômeno empírico antes do que um conceito teórico. Assim, retirado diretamente da realidade social que descreve, configura-se em conceito, o qual tem sido de tal forma apropriado pelo senso comum, pela política, pela mídia ou por vários outros meios do saber que não o científico...” (PORTO, 2010 : 17)

Muitos são os autores que se incumbiram de tão difícil tarefa, e ainda não existe algum que prevaleça plenamente sobre os demais. Dentre estes, encontrei na definição de Yves Michaud grande auxílio à minha pesquisa, talvez pela amplitude coesa de sua definição:

“Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja na sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.” (MICHAUD, 1989 : 10)

Michaud (1989) discorre ainda sobre os tipos pelos quais podem se apresentar a violência, sendo eles a “violência política difusa”, a “violência anti-poder, ou violência de baixo” (como as revoltas), a “violência de cima” (ações do Estado ou grupo dominante, repressoras, ou golpes de Estado), o “terrorismo” e a “violência das guerras civis”. Dentre estes tipos, muito importa a este trabalho a “violência política difusa”, que cobre as rivalidades entre grupos como o de torcedores organizados, dirigentes de clubes de futebol e corporações policiais (este último grupo agindo também dentro do tipo “violência de cima”, funcionando como aparelho repressor de eventos de violência em estádios e seus arredores).

Pensando no que ocorre no futebol, a “truculência violenta” relacionada às torcidas organizadas, que lhes coloca como um grupo de poder dentro dos estádios, onde usam da

violência para se impor, pode ser vista como um fato que exemplifica a inexistência do “monopólio da violência pelo Estado”. Neste sentido, parece-me que a vigência da violência como elemento normal na resolução de conflitos e na vida social das pessoas, poderia ser refletida dentro dos estádios.

Pierre Bourdieu é outro autor que trata do tema violência dentro da sociologia. Especialmente em sua obra *O Poder Simbólico*, onde traz o conceito de violência simbólica. De acordo com Bourdieu, a violência simbólica é um tipo de coação interiorizada pelo indivíduo, naturalizada, que o posiciona segundo o discurso dominante. Os “sistemas simbólicos” dos quais fala o autor englobam as representações sociais, que, assim, podem agir legitimando um discurso pela violência:

“É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos domesticados”.”.

(BOURDIEU, 1989 : 11)

Indo além da violência física que ocorre em casos de “brigas de torcida”, a representação social do estádio como um local virulento, onde predomina um comportamento “truculento”, violento, “viril”, e como um local onde se convive com o risco de ocorrência de violência, pode ser útil o conceito de violência simbólica como instrumento do poder simbólico decorrente das Torcidas Organizadas. O medo da violência por elas gerada acaba por ser uma das causas do crescente “esvaziamento” dos estádios observado nos últimos anos, segundo a maioria dos comentários esportivos.

Há ainda uma última noção a ser destacada. Trata-se da noção de conflito, que foi bem trabalhado por Georg Simmel, atualmente cada vez mais resgatado como clássico da sociologia, e que traz outra importante ajuda ao campo da sociologia da violência. Para este autor, a ideia de conflito, que não tenha como motivo um fato específico, seria uma forma de sociação, termo que usa para designar uma relação entre os indivíduos. Desta forma, Simmel

apresenta o “conflito” não como algo patológico, mas como um elemento que possui uma capacidade criadora de unidade no meio social, a partir da articulação entre antagonismos. O autor faz, então, uma abordagem positiva do conflito.

3 – O Futebol

3.1 – Sobre a história do Futebol

Ainda nos dias de hoje é difícil precisar o nascimento do “futebol ancestral”. O que se sabe é a existência de predecessores deste esporte que hoje triunfa como fenômeno esportivo de nível global.

Na China Antiga (aproximadamente no século 25 a.C.) o Tsu-Chu, ou “chute na bola”, era praticado com uma bola rústica, feita de materiais naturais, e servia como exercício de preparação para a guerra, ou seja, tinha em si um contido de violência inerente. Esta atividade é tida atualmente como o mais antigo predecessor do futebol (PIMENTA, 1997).

Em outras civilizações também foram encontradas práticas que, mesmo sendo “menos antigas”, costumeiramente são consideradas precursoras do esporte como é hoje. São os casos do Kemari, prática com objetivo exclusivamente lúdico que existiu no Japão, e o Epyskiros, atividade grega que mais tarde foi remodelada pelos romanos e chamada de Haspartum (PIMENTA, 1997).

Chegando à épocas mais próximas da atualidade, na Idade Média, “jogos de bola” aconteciam em festivais religiosos na Inglaterra, e nestes a violência contra os adversários era prática comum, como mostraram Norbert Elias e Eric Dunning em seu estudo “A busca da Excitação”. E é à Inglaterra que se atribui o surgimento do futebol moderno, com suas regras e formato semelhante ao futebol contemporâneo. E não há como desvincular o advento do futebol moderno dos reflexos da revolução industrial e da “modernidade”, pois com ele surgem os aparelhos burocráticos (federações, competições, etc) com funções administrativas e regulatórias.

E é acompanhada da competição que a violência deve ter adentrado nos campos de futebol. Ronaldo Helal constata que no futebol “o conflito é não somente desejado, como também um fim em si mesmo, um objetivo a ser constantemente buscado e preservado” (Helal, 1990) e a violência, neste sentido, aparece como um instrumento útil à resolução do conflito, ou seja, a se atingir a vitória.

Acho interessante pensar como o fato de ser extremamente violento era a explicação usada pelo Estado inglês medieval para justificar as inúmeras tentativas de proibição e constante repressão da prática do futebol, como constata Elias e Dunning:

“ [...] nada mais revelador sobre o tipo de jogo que então se praticava sobre o nome de futebol que os constantes e, em geral, aparentemente frustrados, esforços das autoridades estatais e locais em reprimi-lo. Devia ser um jogo selvagem, de acordo com o comportamento da gente daquela época.” (ELIAS & DUNNING, 1992 : 213)
(tradução própria)

Na verdade, como defende Carlos Alberto Máximo Pimenta, acredito que o fato de o futebol ser um fenômeno das massas, praticado por plebeus, e que acreditavam os senhores de terras que era incentivador de revoltas contra estes tais senhores (PIMENTA, 1997).

É nas revoluções burguesas que o esporte torna-se um importante aliado do Estado no chamado “controle das massas”, e assim também ocorre com o futebol, institucionalizando-se na sociedade inglesa e adquirindo o formato visto hoje em dia, como mostra Eric Hobsbawm:

“Entre meados da década de 1870, no mínimo e meados ou fins da década de 1880, o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos familiarizados” (HOBSBAWN, 1984)

3.2 – A pátria de chuteiras

Não é fácil encontrar na história quem foi o primeiro a “trazer” o futebol ao Brasil. Sabe-se que no final do século XIX marinheiros ingleses praticavam o esporte nas localidades próximas aos portos, mas foi o descendente de inglês Charles Miller que foi consagrado “pai” do esporte no Brasil, em 1984 (PIMENTA, 1997).

Desde as primeiras partidas de futebol, jogadas pelos marinheiros no porto de Santos, o futebol cresceu como elemento importante da cultura brasileira. O esporte se desenvolveu no país acompanhando as mudanças culturais deste, como, por exemplo, o fim da escravidão.

No campeonato carioca, foi Clube Vasco da Gama o primeiro a permitir negros e mulatos em seu time, o que resultou em um domínio no campeonato carioca e em revolta dos torcedores dos outros times, ainda conservadoramente brancos em sua totalidade. Um episódio interessante relacionado à violência ocorreu decorrente desta questão de raça. Em 1923, revoltados com o as “zoações” dos torcedores do Vasco devido à força de seu time “mestiço”, a torcida do Flamengo levou remos enrolados em jornais ao campo e, a cada gol feito por seu time, lascavam remadas sobre a torcida do Vasco, e o jogo acabou com intervenção policial e, de acordo com a mídia da época, com uma “batalha campal” dentro do campo de jogo, invadido pelos torcedores. Nota-se que este evento ocorreu quase seis décadas antes da consolidação das Torcidas Organizadas como são hoje, porém a violência já era elemento presente nos eventos deste esporte.

Em outros períodos da história brasileira, o futebol teve relação íntima até mesmo com o campo político. Durante a ditadura militar, por exemplo, o futebol, considerado diversos estudiosos da área, foi importante instrumento de “controle social”, e, associado ao milagre econômico, construiu a imagem falsa de um Brasil rico, democrático e em plena ascensão. O tricampeonato de 1970 mostra com perfeição a condição instrumental do futebol dentro do sistema ditatorial da época. O técnico de 70 era Mario Jorge Lobo Zagallo, o qual substituiu o até então jornalista esportivo João Saldanha, que insistia em não convocar o jogador predileto do presidente Médici, “Dadá Maravilha”, do Atlético Mineiro. Além disto, João Saldanha era tido pelos governistas como “comunista”, além de recusar inúmeras vezes jantares com o presidente e seus apadrinhados. A mando de Médici, a comissão técnica foi trocada, e Zagallo assumiu, convocou Dadá Maravilha e acabou tricampeão em 1970.

Integrante da comissão de 1970, Carlos Coutinho foi o escolhido para comandar a seleção canarinho na Copa de 1978. Não advinha do meio esportivo, era Capitão do Exército, e foi um dos últimos militares a ocupar cargos no futebol nacional.

Na década de 1980, a ideia em voga era a de democracia. E o futebol foi, novamente, modelado e “modelante” das novidades culturais. Jogadores como Casagrande, Wladimir e Sócrates, cabeças da chamada “democracia corintiana”, apareciam com ideais pacificadores, contra a corrupção e a favor da democracia. Este caso serve de exemplo para furar a máxima que diz que o futebol é o ópio do povo. Neste momento, foi o futebol importante difusor dos ideais democráticos que viriam a prevalecer.

Atualmente, o futebol brasileiro reflete o bom momento econômico do país em relação aos grandes centros do futebol europeu. Jogadores considerados “medalhões” retornam ao país para encerrar suas carreiras, e mesmo aqueles com vida útil longa no futebol encontram aqui salários tão altos quanto os da Europa ou do Mundo Árabe. Dessa forma, o futebol nacional tem fortalecido seus times e campeonatos, deixando de ser apenas produtor de craques para ser cenário de grandes partidas e eventos.

3.3 – Sobre as Torcidas Organizadas

Neste capítulo trago um resumo da história das Torcidas Organizadas no Brasil, relacionando este fenômeno com outro, o do hooliganismo, pois, de acordo com a leitura do material jornalístico referente ao tema e de literatura acadêmica como o livro de Pimenta (1997), estes dois são apontados como grandes responsáveis pela maior parte da violência ocorrida nos estádios de futebol e em seus arredores.

Muitos historiadores que trabalham com futebol consideram a “Charanga” a primeira torcida organizada do Brasil, mas alguns se dividem em relação a sua data de fundação. Uns tem a data de 11 de outubro de 1943 como seu marco de fundação, enquanto outros consideram seu nascimento no ano de 1942. Independentemente da precisão da data, é importante ressaltar que a “Charanga do Flamengo”, fundada pelo torcedor Jaime Rodrigues de Carvalho, foi a primeira forma de organização de torcedores encontrada na história do futebol brasileiro.

Mais torcidas como a “Charanga” surgiram nas décadas de 40 e 50 em torno dos grandes times do futebol brasileiro, porém estes grupos não se assemelhavam aos atuais formatos de Torcida Organizada. Eram grupos “carnavalescos”, que tinham como objetivo organizar formas de torcida, como confecção de bandeiras, faixas, criação de hinos e coreografias para serem entoados nos estádios. Estes grupos também não eram “uniformizados”, não possuíam estrutura burocrática de direção nem a alta capacidade de arrecadação de verba que possuem as atuais Torcidas Organizadas. Outra diferença é que,

segundo Pimenta (1997), pregavam a não violência nos espaços do futebol, onde deveriam ocorrer apenas alegorias e comemorações.

Estes grupos foram aos poucos substituídos por outros que possuíam objetivos mais ousados do que apenas organizar formas “carnavalescas” de torcer durante os jogos de futebol. Cobrar as diretorias, dirigentes e cartolas de futebol por melhores resultados dos times se tornou o eixo principal de criação e desenvolvimento das Torcidas Organizadas no formato como as encontramos no Brasil hoje em dia. E a violência, desde o início, apareceu como instrumento para “pressionar” diretorias de clubes por melhor desempenho de suas equipes. Um exemplo disso decorre da própria história da “Charanga”. Em 1968, dissidentes desta torcida fundam a “Torcida Jovem do Flamengo” que, lideradas por Leonardo Ribeiro, conhecido como “capitão Léo”, hoje membro do Conselho Fiscal do Flamengo, tinham a violência como marca registrada de atuação. E esta dissidência ocorreu exatamente porque os fundadores da “Torcida Jovem do Flamengo” achavam os métodos de “torcer” da “Charanga” ultrapassados, além de muito “pacíficos” (MURAD, 2007).

Para melhor delimitar o objeto desse estudo um resumo sobre a formação das três principais torcidas organizadas do estado de São Paulo: a Independente, a Gaviões da Fiel e a Mancha Verde.

A “Gaviões da Fiel” foi a primeira torcida a se organizar burocraticamente, elaborando estatuto interno, compondo-se por presidentes, diretores e conselheiros, e constituindo-se como entidade privada sem fins lucrativos. Foi fundada em 01.07.1969 com o objetivo principal de “fiscalizar” a cúpula dirigente do Corinthians. É interessante ressaltar que a fundação da Gaviões ocorre em um período no qual o clube era dirigido por Wadi Helu, considerado corrupto e incompetente, e que colocava seus seguranças para reprimir as manifestações da Gaviões.

Em 25 de janeiro de 1972 os dissidentes da “Torcida Uniformizada do São Paulo” Newton Ribeiro e Ricardo Rapp, decepcionados com a dependência que a “TUSP” tinha em relação à diretoria do clube, que os patrocinava, fundaram a “Independente”, que tinha por objetivos cobrar as diretorias do clube e ser independente do São Paulo F. C. para que esta cobrança pudesse ocorrer. Desde sua fundação, a violência foi instrumento comum em jogos, para imposição de respeito e poder em relação às outras torcidas da cidade.

Formada mais recentemente do que as outras duas torcidas organizadas, a Mancha Verde surgiu em 11 de janeiro de 1983 a partir da fusão das torcidas “Império”, “Inferno”, “Grêmio-Alviverde” e “Pal-Chopp”. E no caso específico desta Organizada, a violência esta presente de forma central em sua fundação. Cansados de apanhar das demais torcidas, os torcedores da S. E. Palmeiras uniram vários grupos de torcida no intuito de se impor, na base da violência, em relação às outras Organizadas. Um entrevista feita por Carlos Alberto Máximo Pimenta com o então presidente da Mancha Verde, Paulo Serdan, que se encontra presente em seu livro *Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e auto-afirmação*, define bem como foi esta fundação:

“Escolhemos o nome “Mancha Verde” com base no personagem “Mancha Negra” do Walt Disney, que é uma figura meio bandida, meio tenebrosa. A gente precisava de uma figura ideal e de pessoas que estivessem dispostas a mudar a história. Na época, a gente tinha uns 13/14 anos e já havíamos sofrido muito com as outras Torcidas, então a gente começou com muita vontade, muita garra e na base da violência. A gente deve ter exagerado um pouco, porém, foi um mal necessário. A gente conseguiu o nosso espaço e adquirimos o respeito das demais Torcidas.”

(PIMENTA, 1997 : 69)

No trecho da entrevista apresentado, a violência aparece não só como categoria central na fundação da Organizada, mas como categoria relacionada às categorias “poder” e “respeito” e sendo instrumento presente nas relações entre Torcidas.

Como pudemos notar, a violência sempre esteve presente quando o assunto é Torcida Organizada, porém, este fenômeno tem sido, desde a década de 80, cada vez mais tratado pelos meios midiáticos. Desde as décadas de 60/70, o torcedor comum que vai ao estádio percebe a diferença de comportamento entre ele e o torcedor organizado, e a truculência seria um destes fatores diferenciais. Mas é com o aumento da cobertura midiática que começa a se formar uma visão de que o Organizado é em si um torcedor violento e, também, um empecilho à “civilidade” no futebol.

Este fenômeno de violência de torcedores não é especificidade do Brasil, embora cada sociedade produza sua forma de torcida violenta. Na década de 60, na Inglaterra, surge um tipo de torcedor que a mídia chamou de hooligans. De acordo com Costa (1993), o termo

hooligans “tem sua origem ligada ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres, no fim do século XIX (Houlihan). Devido às características de violência e de não sociabilidade de seus membros, esse termo passou, gradativamente, a designar os jovens que se organizam em gangues.”

Mas o fenômeno do hooliganismo possui muitas diferenças em relação às Torcidas Organizadas brasileiras. Primeiramente, não se organizam como instituição jurídica, diretoria e estatuto. São organizados como gangues, possuindo lideranças que são normalmente legitimadas pelo respeito advindo da violência. Não se uniformizam, vão aos estádios vestidos como o torcedor comum, para evitar serem identificados como hooligans e para poderem se dispersar após uma briga e evitar confrontos com a polícia, e outra diferença é que não possuem sede física, se encontram em reuniões em pubs e bares. Normalmente, os hooligans são ligados a grupos neonazistas e a partidos de extrema direita (BUFORD, 1992), o que não acontece, comunmente, com as Torcidas Organizadas brasileiras.

Em outros países da América Latina, como Argentina e Colômbia, as torcidas organizadas são conhecidas por “Barra Bravas” justamente por sua inclinação à atitudes violentas (PIMENTA, 1997). Começam a se manifestar de forma mais intensa na década de noventa, e não ficam atrás dos hooligans ou das Organizadas brasileiras no que diz respeito às práticas de violência.

Diferentemente do que pensam Murphy, Willians & Dunning (1994), não entendo que os “Barra Bravas” e as Organizadas Brasileiras “copiaram” os hooligans. Tendo a ver a violência no futebol como um reflexo da cultura formada na sociedade ocidental industrializada e urbana, mas que reflete também as idiossincrasias de cada sociedade específica (PIMENTA, 1997).

No caso brasileiro, a estrutura econômica formada em torno das Organizadas é uma de suas principais especificidades. A arrecadação mensal destas Torcidas atingiu, na década de 90, patamares nunca previstos por seus fundadores. De acordo com o site da Gaviões da Fiel, atualmente a Organizada conta com 97.177 mil associados, que pagam sua mensalidade, compram camisetas, bonés, faixas e, assim, permitem à Organizada uma alta condição financeira. Assim, os grupos gestores destas entidades sem fins lucrativos começam a se fechar, formando uma “elite” administrativa da qual não são quaisquer torcedores associados que podem participar.

O desenvolvimento das Torcidas Organizadas acompanhou o desenvolvimento do futebol no Brasil, e atualmente existe uma infinidade de Organizadas. A violência saiu do eixo Rio - São Paulo e hoje está presente, assim como as Organizadas, em todos os estados do Brasil. Em Minas Gerais, a grande rivalidade é entre a Organizada do Atlético Mineiro, a Galoucura, e a do Cruzeiro, a Máfia Azul, também muito conhecidas pela violência. E não apenas times considerados “grandes” possuem Organizadas truculentas. Em Goiás, por exemplo, a rivalidade entre os times Vila Nova e Goiás é representada pela rixa entre as Organizadas Esquadrão Vilanovense e Força Jovem de Goiás.

A questão social envolvendo as Organizadas vai muito além da violência praticada por estas, e esta ligada à cultura e à sociedade produzidas pelos adventos do capitalismo e da industrialização.

4 – Procedimentos Metodológicos

Atualmente os veículos midiáticos possuem imensa importância para o estudo das representações sociais, principalmente como fonte para análises de conteúdo sobre discursos correntes na sociedade. Segundo Betti (1998 : 35) “entramos numa nova fase, a de telespetacularização dos esportes e de outras atividades, que incluem também o jornalismo formal.”. Assim, o jornalismo esportivo impresso possui relevância quanto à formação de opinião sobre elementos do campo esportivo. O próprio Betti discorre sobre a importância do estudo das mídias esportivas. O fator diferencial destas mídias é que nelas, um pequeno numero de agentes sociais seleciona as informação e a forma pela qual passarão estas informações a um grande número de receptores. Dessa forma, possuem a capacidade de “determinar valores” e “espetacularizar” as ações e eventos – “bens simbólicos” que se “identificam facilmente junto ao grande público, para assim comercializa-los” (BETTI, 1998, pg. 32).

Para Betti e alguns outros autores como o italiano Umberto Eco, a forma como a mídia adentrou o campo esportivo e aumentou ainda mais sua capacidade econômica acarreta um sentido de negatividade dentro do esporte, “matando-o” como tal e transformando-o em elemento comercial a serviço do lucro. Assim, o elemento “real” do esporte, ou seja, como prática esportiva, estaria minimizado em relação à grande capacidade da mídia em produzir alto volume de informações e, para transmiti-la, transformando-a em um discurso que seja “comercializável”. Sobre isso, Betti cita Eco:

“O esporte atual é essencialmente um discurso sobre a mídia esportiva; essa falação sobre a falação da imprensa tem a aparência do discurso político e o substitui, e, ao consumir e disciplinar as forças do cidadão, desempenha o esporte seu papel de falsa consciência. Então, o esporte como prática “real” poderia eventualmente deixar de existir, pois só subsiste por motivos econômicos” (ECO, 1984 *apud* BETTI, 1998 :

69)

Nesse panorama, os comentaristas de futebol adquirem nova importância, na medida em que são transmissores de opiniões sobre fatos e eventos do futebol, absorvem as informações produzidas

pelo campo e as transmitem para milhões de receptores como opiniões formadas, discursos construídos acerca do futebol. Constroem assim um pano de fundo do meio esportivo, onde regem as representações sociais. Mauro Betti traz em seu livro ideias de como esse pano de fundo se constrói:

“Para a televisão, importa tanto a forma de mostrar o esporte como seu conteúdo. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para nós, propõem um certo “modelo” do que é “esporte” e do que é ser “esportista”. Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo com a realidade, como se estivesse olhando através de uma janela de vidro, conforme metáfora proposta por Willen Helsing(1986)” (BETTI, 1998 : 34)

Betti também enxerga os comentaristas e outros agentes da mídia como elementos importantes em relação à violência no futebol:

“Os jornalistas e comentaristas esportivos têm uma grande responsabilidade nestes tempos de futebol espetáculo, pois deles depende, em grande parte, a elevação qualitativa do nível de conhecimento do grande público sobre o esporte, e a formação de um novo estatuto ético diante do fenômeno da violência.” (BETTI, 1988 : 141)

Pedrinho Guareschi também defende a importância do estudo dos discursos presentes nos textos de comentaristas, salientando a importância destes para a formação do senso comum:

“Os comentaristas de radio e TV são interlocutores da notícia, ou seus tradutores, capazes de analisar um fato (uma mensagem), e transmiti-lo ao público de acordo com sua visão e interpretação” (GUARESCHI, 2000 : 96)

No intuito de trabalhar com as representações sociais presentes nas mídias esportivas impressas acerca de torcedores organizados, foram escolhidos dois periódicos de grande tiragem e veiculação nacional, a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. De acordo com o site da Associação Nacional de Jornais – ANJ – a Folha de São Paulo é o jornal de maior circulação paga no Brasil, tendo em 2012 uma média de circulação de 297.650 exemplares por dia, enquanto O Estado de São Paulo seria o jornal com a quarta maior média de circulação paga, atingindo média de 235.217 exemplares por dia no ano de 2012. Estes dados mostram a amplitude de alcance das informações “produzidas” por estes periódicos. Mas é importante ressaltar que todo recorte gera limitações sobre a amplitude dos resultados, e o feito neste trabalho permite que seus resultados refiram-se, e apenas relativamente, à mídia esportiva paulista. Ainda que esse recorte me permita trabalhar com dados que são suficientes para atingir os limites pretendidos na pesquisa, não podem ser generalizados, limitam seus resultados apenas à mídia esportiva impressa paulista.

Outro fator que me levou à escolher estes jornais como fonte de dados foi o fato de grande parte de seus comentaristas de futebol trabalharem em mídias televisivas e radialísticas, como Juca Kfourir, que trabalha na rádio CBN, ou Antero Greco, comentarista de programas no canal ESPN e ESPN Brasil, dentre outros. Assim, os discursos produzidos por estes atores sociais possuem veiculação ainda maior do que apenas pela mídia impressa, alcançando até mesmo o público que não tem acesso aos seus textos impressos.

O recorte temporal que usei para selecionar os textos engloba toda a produção sobre esporte presente nestes jornais no período compreendido entre 01 de setembro de 2012 e 03 de dezembro de 2012, alcançando todo o segundo turno do campeonato brasileiro de futebol deste ano. A escolha do período foi intuitiva. Como dito na introdução, esperava que no período de “desfecho” do campeonato, os “nervos estivessem à flor da pele” e, assim, houvesse maior probabilidade de ocorrerem eventos de violência.

No total, 188 cadernos de esporte foram analisados, sendo que em 42 deles foram identificados textos que remetiam à violência nos estádios e às Torcidas Organizadas. Nestes 42 exemplares, foram contabilizados 58 textos, dentre colunas e reportagens, que se referiam ao tema abordado. Estes textos foram lidos, seus conteúdos analisados e categorizados a partir dos temas a serem estudados. Sobre Torcida Organizada foram selecionados 32 textos. Sobre a atuação da polícia para a contenção da violência no futebol, 11 textos. Os outros 15 textos

possuíam diferentes temáticas sobre violência no futebol, como “futebol internacional” e “segurança na Copa”.

Para o estudo do conteúdo dos dados, via Teoria das Representações Sociais, foi utilizada a *Hermenêutica da Profundidade*, desenvolvida por Thompson (1995). Esta metodologia foi escolhida por associar a análise sócio-histórica da sociedade a que pertence o objeto, com a análise do discurso que este contém. Por fim, o método da hermenêutica permite uma reinterpretação do conteúdo que foi analisado, expondo as representações formadas.

A partir dos conteúdos dos textos selecionados, o estudo focou nos núcleos de sentido que giravam em torno das categorias “torcidas organizadas”, “torcedor comum”, “violência no futebol” e “polícia”. Os núcleos de sentido permitiram analisar o conteúdo das representações sociais acerca das categorias escolhidas, e a análise dos dados apresentados nos capítulos que se seguem.

5 - Representações Sociais e Torcida Organizada

O primeiro esforço empírico deste trabalho foi o de analisar o conteúdo do material jornalístico em busca de informações sobre as representações sociais presentes acerca dos Torcedores Organizados. E estes, da década de 80 até os dias de hoje, tem sido cada vez mais explorados pela mídia esportiva como tema em potencial. Segundo Pimenta (1997) é com a morte do “Mancha Verde” Cleofas Sóstenes Dantas da Silva, o Cléo, em 17 de outubro de 1988, que a violência entre Torcidas Organizadas toma proporções maiores, resultando em um crescente número de mortes e em, conseqüentemente, uma maior cobertura midiática.

Para Pimenta(1997), é a partir da maior cobertura da mídia sobre os casos de violência no futebol, que este fenômeno atinge o conhecimento da maior parte da sociedade, e que começa a ser discutido como elemento a ser “controlado” no futebol. Neste sentido, a mídia adquire papel importante, passando aos seus espectadores noções sobre o tema, construindo e reproduzindo representações sociais que constroem o discurso do senso comum sobre o fenômeno da violência no futebol. E é neste sentido que este trabalho se propõe a estudar o discurso da mídia esportiva sobre o tema.

Nos dados selecionados a respeito das representações sociais sobre a Torcida Organizada estão inclusas 12 colunas, 14 reportagens e 16 retrancas de reportagens. Acho importante enfatizar que o Torcedor Organizado foi tema na grande maioria das colunas que trataram do tema violência, estando presente em 63% delas. Assim o intuito deste capítulo é o de compreender quais representações sociais são associadas pela mídia esportiva à categoria Torcedor Organizado, no que se refere à questões de violência.

5.1 - Torcedor Organizado e Torcedor Comum

É fácil perceber que os textos da mídia esportiva apresentam dois tipos bem diferenciados de torcedor, o Organizado e o Comum. As características associadas aos dois “tipos” são opostos e, até mesmo, parecem ser excludentes. Mas a existência destas duas categorias de torcedor mostra como as diferenças na forma de torcer são sentidas pelos atores envolvidos no futebol. Em seu livro, Pimenta (1997) entrevista diversos atores envolvidos nos eventos esportivos do futebol e, dentre eles, policiais, seguranças de estádios, seguranças dos metrô próximos aos principais estádios, torcedores comuns e torcedores organizados. Todos estes atores foram capazes de diferenciar o comportamento entre os chamados “torcedores comuns” e os Organizados.

Nas arquibancadas, as diferenças se apresentam de forma explícita e qualquer um que frequenta estádios de futebol saberia diferenciar a “torcida comum” da Torcida Organizada. Na mídia esportiva estas diferenças também são discutidas e é quase impossível evitar a formação de estereótipos. A análise do conteúdo do material jornalístico mostra um conjunto de representações ancoradas nas categorias “torcedor organizado” e “torcedor comum” que, algumas vezes, opõem-se umas às outras, como mostram os trechos abaixo:

“ [A Torcida Organizada] Foi responsável pela perda de mandos na etapa crucial da decisão. Fazer ameaças num momento desses equivale a jogar um balde de gasolina para apagar o incêndio. Nada a ver com a torcida de verdade, essa que acompanhou e sofreu com o time, lágrima por lágrima.” (O Estado de S. P., 20 de novembro de 2012 : E2)

“Muito menos apelar para a violência, como fazem falsos torcedores, que jogam bombas no clube e ameaçam dirigentes e jogadores” (O Estado de S. P., 08 de novembro de 2012 : E2)

O primeiro fator para o qual chamo a atenção é que em todas as matérias e colunas onde as torcidas organizadas eram evocadas, eram matérias sobre episódios de violência,

física ou psicológica. Ou seja, dentro do material esportivo analisado neste estudo, só foram encontrados discursos sobre Torcidas Organizadas em textos que se referiam à violência no futebol, seja porque um grupo de torcedores de algum time entrou em confronto com a polícia, ou porque outro grupo pichou ameaças de morte nos muros do clube. Assim, aparece uma primeira informação sobre um possível papel da categoria “violência” na forma como se apresentam as representações sociais de torcedores organizados.

Partindo para as representações presentes nos textos, as categorias mais frequentemente associadas aos torcedores organizados são as de “vândalos”, de “criminosos” e de “bandidos”. Um dado sobre isto está presente em uma matéria do “O Estado de São Paulo”, do dia 9 de novembro, assinada por Daniel Batista, na qual encontramos a seguinte fala de Marco Polo Del Nero, então presidente da Federação Paulista de Futebol:

“Não vamos admitir que torcedores venham agredir os jogadores e os dirigentes do Palmeiras. Torcedor que ameaça alguém não é torcedor, é bandido”

A fala do presidente da FPF ocorreu no dia em que a torcida organizada Mancha Verde foi punida pela Federação Paulista e suspensa por tempo indeterminado dos estádios, em decorrência do conflito com policiais ocorridos no jogo entre Palmeiras e Botafogo. Foi comum encontrar nos textos referentes às ameaças feitas contra dirigentes a ideia de “criminosos” ou “bandidos” associada à Torcida Organizada.

A representação do torcedor organizado como “vândalos” remete à episódios em que torcedores causaram algum tipo de dano ao patrimônio do clube ou ao patrimônio público. No dia 16 de setembro de 2012, após o resultado negativo da partida contra o rival Corinthians, 6 torcedores encapuzados invadiram o restaurante Frevo, de propriedade do então vice-presidente de futebol da S. E. Palmeiras, Roberto Frizzo. De acordo com a reportagem da Folha S. P. do dia 17 de setembro, “vândalos” invadiram o restaurante e disseram : “Podem ficar calmos, não queremos machucar ninguém, mas vamos quebrar tudo”. E assim fizeram, depredando todo o interior do estabelecimento.

Aliada à ideia de que o torcedor organizado é um bandido, também foram encontradas relações entre a representação de Torcida Organizada e a representação de facção criminosa,

de quadrilha. Em todos os textos do tipo reportagem que citavam as Torcidas Organizadas foi utilizado o termo “facção organizada” para designá-las. Um dado representativo nesta questão está em uma matéria assinada por Rafael Reis na Folha S. P.:

“Integrantes de uma facção organizada pressionaram um dos portões da Arena da Fonte. Policiais usaram gás de pimenta e balas de borracha e contaram com a ajuda do gol de Barcos para evitar a invasão. Palmeirenses prometeram responder com ataques violentos em caso de rebaixamento.”

(Folha de S. P., 05 de novembro de 2012 : D1)

Antero Greco, colunista do O Estado de S. P., também usou termo semelhante para falar de torcedores organizados que, em partida entre São Paulo e Coritiba, ameaçaram agredir uma torcedora do Coritiba que recebeu uma camiseta do jogador Lucas, do São Paulo: “Fere saber que muitos entendam como lógica e normal a submissão à vontade de quadrilhas de boçais”

O fato de esta terminologia estar presente em todas as reportagens sobre o tema mostra que a ideia de Torcida Organizada como um grupo de formação criminoso já é comum aos leitores, não gerando nenhum incomodo. Os dados de Murad (2012) mostram que apenas uma parcela de 5% a 7% dos integrantes de Torcidas Organizadas podem ser considerados “marginais”, por cometerem atos de violência e ilegalidade relacionados ao futebol. Mas a representação que surge dos textos da mídia esportiva estudados é a de que as Torcidas Organizadas são quadrilhas criminosas, ou seja, compostas por criminosos e com objetivos criminosos.

O comportamento opressor e “truculento” das Torcidas Organizadas dentro dos estádios também lhes confere representações ancoradas em termos da política, como “comportamento fascista”, “conservador”, “ditatorial”. Estas representações estão associadas à ideia de que os torcedores organizados tolhem o direito alheio ao impor um tipo de comportamento tido como “selvagem” e “atrasado” a todos que frequentam os ambientes de jogos de futebol. Alguns textos apresentaram a ideia de que não poder andar nas proximidades dos estádios com camisetas dos times de futebol por medo de agressões de Organizadas rivais é uma situação digna de “ditaduras”, onde não há total liberdade de ir e vir, ou de defender

suas próprias ideias. Outro exemplo esta na coluna de Antero Greco de 3 de outubro de 2012, no caderno de esportes do jornal O Estado de S. P., quando o colunista fala sobre o fato de um turista irlandês vestido uma camiseta verde e branca do seu time, o Celtic, ter sido expulso de um jogo do Corinthians por Organizadores que não aceitaram o espectador vestido com as cores do rival Palmeiras:

“Acham natural que atitudes fascistas esmaguem o direito que temos de nos vestir como queremos, de nos divertirmos num campo de futebol. Pessoas assim também vão dizer que ditaduras são inevitáveis, irão justificar linchamentos, aplaudirão esquadrões de morte. E nem se darão conta de que, assim, vivem presas ao medo.” (O Estado de S. P., 3 de outubro de 2012 : E2)

Há ainda outro conjunto de representações que aparecem vinculadas à categoria “torcedor organizado” no conteúdo dos textos jornalísticos selecionados para o estudo. Este conjunto engloba representações sociais relacionadas à categoria de gênero, como “machões”, “machistas”, “bombados”, dentre outras palavras que se referem à virilidade ou à masculinidade de forma mais intensa. A diferença de gênero é bastante evocada na comparação entre torcedor comum e torcedor organizado. Ao torcedor comum é agregada a “graça feminina”, a “gentileza”, a “tranquilidade” e a “emotividade”, categorias apresentadas como características femininas. Já ao torcedor organizado cabem relações com uma “virilidade exacerbada”, “extrema” e “violenta”, com atitudes desproporcionais e com uso da força. Um trecho da coluna de Luiz Zanin, do O Estado de S. P., do dia 6 de novembro de 2012 retrata bem como a questão de gênero é tratada na comparação entre os comportamentos dos torcedores:

“Enquanto as moças choravam, os machões ameaçavam sabe-se lá quem, o que dá ideia da diferença de civilidade entre um e outro sexo.” (O Estado de S. P., 6 de novembro de 2012 : E2)

O colunista Antero Greco, do dia 11 de novembro de 2012, falando em sua coluna sobre o possível comportamento da Organizadora no caso de o Palmeiras rebaixar em jogo naquele dia, diz:

“Fico a imaginar como vão se comportar aqueles machões bombados que, na ocasião, ameaçaram sair no braço com Deola, hoje no Vitória, só por ter desempenhado direito o trabalho dele.” (O Estado de S. P., 11 de novembro de 2012 : E2)

Categorias de gênero também são utilizadas no discurso sobre Torcida Organizadora quando referentes à “dominação” imposta por esta nos estádios de futebol, principalmente no que diz respeito a limites de comportamento por outros, torcedores comuns. Um dado sobre isso pode ser retirado do O Estado de S. P., na coluna de Antero Greco:

“As arquibancadas pertencem a bandos de machistas, truculentos, de tiranetes que determinam como os outros devem comportar-se. E não necessariamente os “inimigos”; impingem regras despóticas para os seguidores de seu próprio time.”

Observando as várias imagens feitas das mascotes das Torcidas Organizadas podemos notar que praticamente todas são de figuras masculinas, e que estas estão sempre carregadas de elementos que pretendem enfatizar essa “virilidade” através de elementos corporais como tatuagens, músculos hipertrofiados, charutos, gorros, barbas e faces que evocam sentimentos como raiva e ameaça. São elementos que não deixam de estar relacionados com a intenção de demonstrar poder e respeito (Pimenta, 1997). E na mídia esportiva foi encontrado o uso destas representações sobre uma violência “masculina”, “selvagem”, agregadas à representação de torcedores organizados.

Além da relação entre categorias de gênero e as representações sociais dos torcedores organizados, outras se apresentam no conteúdo dos discursos da mídia impressa estudada. Muitos termos eram utilizados em referência a torcedores organizados que lhes agregavam

um sentido de “menos evoluídos” ou “menos civilizados”, como se fossem resquícios de comportamentos do passado “primitivo” e “selvagem” do homem. Termos como “boçais”, “estúpidos”, “primitivos”, “acéfalos”, “brutos”, “ignorantes”, dentre uma infinidade de outros, eram evocados neste sentido. Nas palavras de Antero Greco, em coluna no dia 3 de outubro de 2012: “Radicais e boçais tiraram das arquibancadas a tradição de serem um espaço democrático”

Outro fator que chama a atenção é perceber como o termo “apelar para a violência”, e outras variantes que possuem significado semelhante, são utilizados no discurso construído sobre os torcedores organizados como uma diferença comportamental entre estes e o torcedor comum. Ou seja, o uso da violência como instrumento de manifestação de contrariedade com os resultados do time, ou com atitudes da diretoria, ou com a atuação de algum jogador ou árbitro, é apresentado como característica de torcedores organizados. A reação que os textos da mídia esportiva parecem esperar dos “torcedores de verdade”, ou torcedores comuns, é outra. Em casos de derrota, categorias relacionadas à tristeza como “choro”, “sofrimento”, “lágrimas” eram relacionados à forma como se sentia o torcedor comum, enquanto ao organizado estavam relacionados sentimentos como “ira”, “raiva” e “revolta”

Aos torcedores comuns, os comportamentos mais comumente apresentados na mídia eram relacionados à palavra “torcer”, como “curtir o espetáculo”, “incentivar o time”, “sofrer com o time” e “diversão”. A chamada “alegria do futebol” estaria com a torcida comum, e esta aparece como refém da hostilidade dos grupos organizados. Em quatro colunas estudadas, cujo tema tratava sobre o baixo índice de público que frequenta os estádios no Brasil, todas citaram a presença “hostil” das Organizadas como um dos principais motivos da baixa média de público.

Em 70% dos textos onde o comportamento da torcida organizada era apresentado como “violento”, “selvagem”, também havia representações do comportamento do torcedor “comum” em oposição. Na maioria dos casos, enquanto o torcedor organizado era responsabilizado pelos eventos de violência, o torcedor “comum” era apresentado como aquela parcela da torcida que “torcia”, “viviu a partida com o time”, “pacificamente”. Em oposição à violência das Torcidas Organizadas, ao torcedor comum cabiam representações de não violência, como “paz”, “tranquilidade” e “civildade”. A representação que se apresenta é a de que o local onde o torcedor comum “prevalece” é um local “familiar”, “alegre”, “democrático”, “diverso”. Imagens de senhoras e crianças nos estádios são passadas, como se

estas fossem diretamente ligadas à categoria de “paz”. Um bom exemplo esta em coluna do O Estado de S. P.:

“Vira e mexe, a tevê mostra torcedores com cartazes singelos, na base do “Mamãe olha eu aqui”, “Galvão me filma”, “Amor te amo” e coisas do gênero. Não faltam também, imagens de crianças, senhoras, jovens a tomar sorvete. As famílias de volta aos estádios” (O Estado de São Paulo, 4 de outubro de 2012 : E2)

Pelos dados apresentados, pode-se formar um quadro referencial onde algumas representações sociais de torcedores comuns e organizados foram destacadas. No que se refere aos torcedores comuns, são normalmente representados como um grupo pacífico, com intenção de se divertir e de promover a “festa do futebol”, sem nenhuma relação com violência, e composto por grande diversidade social, onde figuras que representam certa “fragilidade”, como idosos, crianças e mulheres, são frequentes. O ambiente gerado pelo torcedor comum é representado como semelhante ao “familiar”, pacífico, tranquilo. Já as representações sociais dos torcedores organizados são diretamente vinculadas à categoria violência. Remetem à atos criminosos como o vandalismo, a ameaça e a agressão física, como seu comportamento padrão. Como grupos, são considerados como quadrilhas criminosas, e sua presença em estádios traria um sentimento de medo e opressão sobre os outros frequentadores. Torcidas Organizadas são visivelmente associadas à violência no futebol como um de seus principais atores, ao lado da presença policial e do consumo de bebidas alcoólicas.

5.2 – Polícia e Torcida Organizada

A relação entre a polícia e as Torcidas Organizadas foi, desde o início, complicada. Analisando a posição de cada um destes agentes nas situações de violência, estão sempre em lados opostos. Neste item pretendo fazer uma análise do conteúdo dos textos sobre violência no futebol que tratem desta conturbada relação.

Ao todo, foram contabilizados 11 textos com conteúdo sobre a ação policial nos casos de violência de Torcidas Organizadas. Destes, apenas um é coluna, sendo os outros dez, reportagens e retrancas.

A primeira relação que aparece sobre a polícia nos textos é sobre sua responsabilidade em “conter” e “evitar” os casos de violência. Neste sentido, surge a representação social de que o problema da violência no futebol é um “caso de polícia”, uma situação de “crime”, de “ilegalidade”. Esta representação é apoiada pela que trata os Organizados como “bandidos” e “criminosos”. Em grande parte das reportagens que tratavam de brigas de torcida ou situações de violência nos estádios, a “intervenção da PM” foi necessária para por fim ao problema. As atuações da polícia relatadas pela mídia situam a Polícia Militar como agente importante dentro do fenômeno da violência no futebol, seja no sentido de “proteger o torcedor comum”, de conter as manifestações de violência ou em proteger os outros atores envolvidos, como jogadores, diretores de clubes e torcedores adversários.

Nas reportagens selecionadas sobre o tema, 80% traziam informações sobre o “reforço policial” para as partidas da S. E. Palmeiras, e foram escritas nos meses de outubro e novembro, quando as manifestações de violência da Organizada Mancha Verde aumentaram. Ocorreu o uso do “reforço policial” em 12 partidas deste time, onde o número de policiais que reforçaram a segurança variava entre 250 e 500 policiais. Esta medida da polícia levava em conta, principalmente, proteger o torcedor comum. Em matéria da Foha de S. P., do dia 10 de novembro de 2012, o chefe da segurança do Palmeiras, Faustino Caputo, disse sobre o reforço policial para o jogo contra o Fluminense:

“O cuidado é maior que o comum. É parecido com o que fazemos em clássicos. Estamos tomando as providencias para que não aconteça nada de anormal, principalmente com o torcedor comum, que deve ser protegido” (FOLHA S. P., 10 de novembro de 2012 : D3)

Segundo Pimenta (1997), após o início das escoltas policiais aos ônibus dos times de futebol, a incidência de eventos violentos diminuiu representativamente. Outra escolta policial também foi, segundo o autor, de grande importância para a diminuição de incidentes violentos entre Organizadas rivais, que foi a escolta policial aos Organizados, desde a sede destes até os

estádios. Em entrevista presente no livro de Pimenta, o então presidente da Gaviões da Fiel diz, sobre as escoltas policiais:

“A gente comunica a todos os associados a comparecer na “Gaviões”, para que saia todo mundo junto, que é um trabalho feito junto com o policiamento, que faz a escolta até o estádio, então neste percurso até o estádio não há problema nenhum com as outras torcidas, não tem problema de cruzar ônibus [...]” (PIMENTA, 1997 :

101)

Apesar das escoltas e da proteção oferecida pela polícia, a relação entre Organizadas e Polícia é de total inimizade. Segundo Murad (2007), torcedores organizados e policiais se enxergam em “lados opostos”, como “rivais”, onde da parte dos policiais, as Organizadas são desnecessárias e responsáveis pelas “barbáries” que ocorrem nos jogos de futebol, enquanto os organizados veem a polícia como “arrogante” e “instigadora da violência”.

Além da segurança da polícia dentro dos estádios, a S. E. Palmeiras também requisitou, em 5 viagens, o reforço policial na escolta do ônibus que levava jogadores e diretores. Devido às ameaças que a Organizada fez à diretores e jogadores, o principal motivo do aumento no efetivo policial era o temor a ataques contra os ameaçados. Na mesma reportagem citada acima, encontra-se a seguinte passagem:

“Porém, os possíveis conflitos entre torcedores rivais não são a maior fonte de preocupação em Presidente Prudente. Esse papel cabe à confusão entre palmeirenses e ao risco de perseguição contra jogadores e dirigentes” (FOLHA S. P., 10 de novembro de 2012 : D3)

Em todas as reportagens, a polícia é aclamada como responsável pela “manutenção da paz e tranquilidade”, como diz o colunista Antero Greco, nos estádios e arredores. Segundo pude analisar na mídia esportiva selecionada para este trabalho, o “caso” da violência das Torcidas Organizadas é um caso de polícia porque elas tanto se organizam como agem como

organizações criminosas. O fato é que as Torcidas Organizadas, nos moldes atuais, possuem uma organização militarizada, desde a sua hierarquia às formas de atuar, como em emboscadas montadas contra torcedores rivais ou em utilizar armas como facas e bombas caseiras (PIMENTA, 1997) A entrada do tráfico de drogas nas Torcidas Organizadas, a divisão em pelotões e destacamentos e a separação em “famílias” (MURAD, 2012) também são fatores que colocam a questão das Torcidas Organizadas como uma questão policial.

Outro fator deve ser levado em consideração quando se refere à aclamação da polícia para resolver a questão da violência das Organizadas: a violência dos estádios começa a atingir as parcelas “não organizadas” da torcida, e até mesmo pessoas que não estão participando diretamente dos eventos esportivos: “Em quase 80% dos óbitos, as pessoas não tinham nenhuma ligação com setores violentos ou delinquentes de torcidas organizadas. Apenas em 20% é que os óbitos eram de pessoas ligadas a grupos de vândalos”, afirma Murad. Ou seja, a violência causada pelos “vândalos e criminosos” está atingindo aqueles que não o são, e, neste sentido, pode-se dizer que a sociedade se sente “atingida” e clama por justiça. Então, a morte de algum envolvido em brigas de torcida é um fato grave, mas a morte de um “inocente” que foi ao estádio para “curtir o jogo”, as vezes com a própria família, é algo considerado ainda mais grave, e que repercute também ainda mais na mídia.

Existe, ainda, outro sentido remetido à polícia nas reportagens, que é o do medo do confronto entre policiais e organizados. Eventos como as “batalhas campais” que ocorreram tanto no jogo entre juniores do Palmeiras e São Paulo, em 1995, como no jogo do rebaixamento do Curitiba em 2008. Nestes dois eventos, o confronto com a polícia teve grandes proporções, tomando a mídia, e mostrando a potencialidade para a violência que possuem os eventos de futebol como acontecem hoje. Um dado referente à esta ideia está na matéria da Folha de São Paulo de 10 de novembro de 2012, assinada por Rafael Reis:

“O medo é que se repitam cenas como a do último fim de semana, em Araraquara, quando integrantes de uma organizada palmeirense enfrentaram policiais e usaram bombas caseiras na tentativa de invadir o gramado. Ou pior: que aconteça uma versão paulista da batalha campal vista no Couto Pereira após o rebaixamento do Coritiba, três anos atrás. No total, 18 pessoas ficaram feridas no confronto entre policiais e torcedores” (FOLHA S. P., 10 de novembro de 2012 : D3)

De acordo com Murad (2007), nos jogos esportivos, as Torcidas Organizadas atuam como se “vivessem um falso ritual de guerra”, estando com alta disposição a “descarregar violência”. Os “nervos estão a flor da pele”, e a “ação firme” da polícia pode ser o estopim para uma “batalha campal”, a desculpa necessária para o ataque da torcida.

CONCLUSÕES

As conclusões sobre as questões levantadas por este estudo não têm a pretensão de ser generalizadas, nem no espaço nem no tempo, dadas suas amplas limitações acerca de dados e metodologia de pesquisa. Na verdade, a ideia é aprofundar o estudo dos esportes e dos fenômenos a ele associados, como o da violência, e contribuir para a produção acadêmica nesta área, formulando novas questões e formas de olhar a questão das torcidas organizadas no Brasil.

Devo lembrar que os dados coletados remetem apenas à mídia esportiva de São Paulo, sem atingir sua totalidade, o que fornece o pensamento e discurso de um grupo específico da mídia esportiva no país. Porém, deve-se levar em conta a ampla circulação dos jornais escolhidos como fonte de dados por todas as regiões do país.

Analisando o conteúdo das matérias sobre violência no futebol, as representações sociais acerca das torcidas organizadas possuíam centralidade na categoria “violência”, na medida em que estas representações estavam sempre associadas a fenômenos de violência. Desde as representações acerca de quem são os torcedores organizados, até às que incidem sobre o que eles fazem, a violência aparece como elemento que os distingue e distancia dos torcedores comuns.

Foi possível destacar os elementos centrais utilizados para representar tanto os considerados torcedores comuns quanto os torcedores organizados. O torcedor comum é representado como composto por famílias, mulheres, crianças, senhoras e senhores, apenas interessados em “admirar o espetáculo”. A eles é remetido um clima de pacificidade, alegria, paz e democracia.

Em torno da categoria do torcedor organizado, giram representações como as de bandidos, criminosos, como se fossem uma quadrilha criminosa, que apenas traz elementos negativos ao futebol. Por mais que elementos externos ao esporte contribuam, a violência dos Organizados é remetida à sua condição de “facção criminosa”. Segundo Murad (2012), a violência no futebol cresce porque a violência na sociedade em geral cresce, ou seja, o aumento do número de ocorrências violentas no esporte também possui relação com o aumento dos números de outros fenômenos de violência.

A diferença entre as categorias de “torcedor comum” e “torcedor organizado” pode, então, ser considerada como orientada pela categoria da violência, já que esta está presente nas representações sociais sobre os “organizados”, enquanto está ausente nas representações sociais dos “comuns”. Ou seja, o torcedor organizado é violento, enquanto o torcedor comum é um espectador que espera aproveitar o espetáculo de forma pacífica. O papel da mídia como formadora de opinião entra em questão, já que é responsável pela reprodução dos estereótipos acerca destes tipos de torcida, e pela formação de opinião sobre a atual situação de frequentar os estádios no Brasil.

Foi constatado também que a representação das Torcidas Organizadas como “grupos criminosos” e, conseqüentemente, que seus integrantes são “marginais e vândalos” contradiz com os dados de estudos sociais neste campo, como os de Maurício Murad, que mostram que apenas uma minoria dentro das Torcidas Organizadas está relacionada com os atos de vandalismo e violência que ocorrem em relação ao futebol. Vemos então a máxima que diz que a maioria acaba pagando pelo erro de uns poucos. Assim, os textos da mídia esportiva acabam por não só atribuir a violência nos estádios à criminalidade que domina as Torcidas Organizadas, como também por colocar a violência como elemento intrínseco às Organizadas.

Acerca da representação da composição das Torcidas Organizadas, o que é encontrado na mídia também dialoga com os resultados do estudo de Murad sobre o tema. Os torcedores organizados são representados como “jovens agressivos”, “machões bombados”, homens de virilidade exacerbada, com muitas tatuagens e vestimentas que exaltam o corpo como elemento de imposição de respeito pela “força”. Em sua pesquisa, Murad (2012) conclui que a grande maioria dos torcedores organizados envolvidos em casos de violência eram jovens, entre 13 e 24 anos, desempregados e que já possuíam algum envolvimento com a criminalidade fora do grupo da Torcida Organizada, que entendiam a violência como instrumento para adquirir respeito e poder diante outros grupos de organizados.

O estudo dos textos da mídia se mostrou bastante produtivo, na medida em que fornecem elementos do discurso corrente sobre a violência no futebol que permitiram um estudo abrangente nas relações entre as representações sociais e os fatos ocorridos no período estudado. Ele mostrou como o senso comum pode ser usado como importante fonte de dados para os estudos sociais.

Para os autores Betti (1998) e Murad (2012), a mídia possui papel de extrema importância na medida em que é o maior veículo sobre as informações acerca do futebol, e,

neste sentido, devem reformular a edição das informações no intuito de diminuir a sensação de insegurança que prevalece no senso comum sobre os estádios, e em colocar as Torcidas Organizadas como único elemento responsável pela violência que “afasta os torcedores dos campos de futebol”, como diz o colunista Tostão.

Espero ter contribuído para os campos da sociologia da violência e do esporte, levantando novos questionamentos sobre os fatos que ocorrem no futebol, e envolvendo seus atores, como jogadores, dirigentes e torcedores, organizados ou não, violentos ou não. Mas, em minha opinião, a resolução desta questão, com o fim da violência no futebol, está tão distante quanto o fim da violência na sociedade em geral.

Bibliografia

BETTI, M. **Violência em Campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí/RS, Ed. UNIJUÍ. 1997

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand. 1989

BUFORD, B. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência**. São Paulo, Companhia das Letras. 1992.

COSTA, M. R. **Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes. 1993

DURKHEIM, E. **A Divisão Social do Trabalho**. Petrópolis/RJ, Ed. Martin Claret. 1983

———. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

———. **O Suicídio**. Petrópolis/RJ Ed. Martin Claret. 1897

———. **Representações Individuais e representações coletivas** in *Sociologia e Filosofia*. São Paulo, Ed. Ícone. 1994.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, N. & DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Ed. Difel. 1992

ELIAS, N. & DUNNING, E. **Deporte y ocio em el proceso de la civilizacion**. Madrid, Fondo de Cultura Econômica. 1992

FREUD, S **O mal-estar na civilização** in **Edição Standart brasileira das obras completas de Freud**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago. 1974

GUARESCHI, P. (org.) **Os Construtores da Informação: Meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes. 2000

HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo, Ed. Brasiliense. 1990

HOBBSBAWN, E. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. 1984

JODELET, D. **Recentes desenvolvimentos da noção de representações nas ciências sociais** in ALMEIDA, A. M. O. & JODELET, D. (orgs.) **Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas**. Brasília, Ed. Thesaurus. 2009

_____. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais** in **Sociedade e Estado**, Brasília, UnB, vol. 24, número 3. 2009

MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Ed. Hucitec. 1984

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo, Ed. Ática. 1989

MINAYO, M. C. S. **O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica** in GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes. 1994

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigação em psicologia social**. Rio de Janeiro, Petrópolis, Ed. Vozes. 2003

MURAD, M. **A violência no futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. São Paulo, Ed. FGV. 2007

_____. **A Violência no Futebol**. Rio de Janeiro, Ed. Benvirá. 2012

MURPHY, P.; WILLIAMS, J. & ELIAS, N. **O Futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança**. Oeiras, Celta Editora. 1994.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e auto-afirmação**. Taubaté/RJ, Ed. Vogal. 1997

PORTO, M. S. G. **Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea** in **Revista Sociologias**, Porto Alegre. 2002

_____. **Sociologia da Violência: do conceito às Representações Sociais**. Brasília, Ed. Francis. 2010

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social crítica na era dos meios de comunicação em massa**. Petrópolis/RJ, Ed. Moderna. 1995

Jornais

BATISTA, D. 250 policiais em ação na decisão de Prudente. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 08 nov. 2012. Esportes : E3

BATISTA, D. Organizada é suspensa dos estádios após nova confusão. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 09 nov. 2012. Esportes : E4

BATISTA, D. & GALDIERI, P. Organizadas exigem a saída de 13 jogadores. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 06 nov. 2012. Esportes : E1

BATISTA, D. & GALDIERI, P. Palmeiras joga para salvar sua honra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2012. Esportes : E2

GRECO, A. Entrega! Entrega! **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2012

GRECO, A. Sacudir a poeira. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 08 nov. 2012. Esportes, E2

GRECO, A. Tirano dos estádios. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 03 out. 2012. Esporte : E2

REIS, R. Temos é que se repita o confronto como o da queda do Curitiba. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2012. Esporte : D3

REIS, R. Desespero. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 nov. 2012. Esporte : D1

REIS, R. PM dobra número de homens para jogo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2012. Esporte : D3

ZANIN, L. Na rota do iceberg. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2012. Esportes : E2

ZANIN, L. Vale a pena lutar? **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 06 nov. 2012. Esportes : E2

Sites

<http://www.flamengo.com.br/flapedia/>

<http://www.gavioes.com.br/>

<http://www.independentenet.com.br/>

<http://www.manchaalverde.com.br/>

<http://www.organizadasbrasil.com/>